

Representações de mulheres que sofrem violência de gênero em sites jornalísticos mato-grossenses¹

Nara Assis dos Santos²
Tamires Ferreira Coêlho³
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho parte de uma pesquisa maior com o objetivo de analisar a representação de mulheres que sofrem violência de gênero em sites mato-grossenses de jornalismo. A partir de uma análise de conteúdo exploratória feita na primeira quinzena do mês de abril de 2022, foram selecionados os veículos Olhar Direto e FolhaMax, por se tratarem de veículos muito conhecidos em Mato Grosso, tendo recebido, respectivamente, 120,6 mil e 715,1 mil visitas no mês de março de 2022 pelo desktop, segundo o aplicativo SimilarWeb⁴. Considerando os acessos por dispositivos móveis, no mesmo período, o Olhar Direto recebeu 1,1 milhão de visitas, enquanto o FolhaMax obteve 2,9 milhões. Também é importante ressaltar que o FolhaMax possui uma editoria de Polícia, dedicada a casos de violência e de crimes, enquanto o Olhar Direto não possui uma seção específica a este fim e publica matérias relacionadas a estes temas na editoria de Cidades. A violência de gênero não é um fenômeno novo, Heleieth Saffioti (2001) afirma que é um conceito mais amplo, que abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. “No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio” (SAFFIOTI, 2001, p. 115). As desigualdades de gênero merecem atenção, uma vez que nos instigam a refletir sobre o percurso histórico do termo, e o fato de que ele não se limita ao sexo ou à sexualidade. Nesse sentido, com base nas discussões sobre o conceito de gênero trazidas por Joan Scott (1995) e Judith Butler (2014), a pesquisa utiliza o termo violência de gênero como base para as reflexões posteriores, visto que são vítimas deste

¹ Trabalho apresentado na DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 09 a 11 de junho de 2022.

² Mestranda do curso de Pós-graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: narina.assis@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora e Vice Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: tamiresfcoelho@gmail.com

⁴ O aplicativo é uma ferramenta de coleta, síntese e modelagem de dados. A consulta foi feita em 18 de abril de 2022.

tipo de abuso todas as pessoas que não se identificam como homens heterossexuais, e não apenas aquelas que performam feminilidade. O primeiro aspecto observado no corpus é a quantidade de matérias envolvendo violência de gênero publicadas no intervalo de dois dias no site FolhaMax. Foram identificadas nove matérias sobre o assunto entre os dias 12 e 13 de abril, uma média de, pelo menos, quatro por dia. Já no site Olhar Direto, no mesmo período, foram encontradas seis matérias envolvendo violência de gênero contra mulheres. Durante a observação exploratória, foram considerados quatro tipos de violência: psicológica, sexual, agressão física e feminicídio. Estes foram apenas alguns casos noticiados pela mídia mato-grossense dentre os milhares que ocorrem todos os anos. Do total de 3.913 homicídios de mulheres registrados no Brasil em 2020, 1.350 foram tipificados como feminicídios⁵ (34,5%). Em Mato Grosso, foram 104 casos de mortes de mulheres no mesmo ano, dos quais 62 foram feminicídios (59,6%). É alarmante o fato de que o número de mortes com esta qualificadora no estado saltou de 39, em 2019, para 62 em 2020, conforme o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 2021. No cenário estadual, a média de quatro matérias por dia envolvendo violência de gênero contra mulheres é um aspecto que reflete a gravidade do problema. É ainda mais preocupante se pensarmos que, além destes, há outros casos não noticiados e sequer registrados pelos órgãos de segurança pública. A subnotificação é comum, já que, geralmente, estes crimes são cometidos dentro de casa, por parceiros, ex-parceiros ou mesmo familiares das vítimas, o que levou à classificação de violência doméstica. Também é necessário refletir se a forma como estas mulheres são representadas pelos sites analisados é um outro processo de violência. Os veículos de comunicação, que exercem considerável influência sobre o público, são instituições atuantes nas construções de representações sociais, conforme aborda Stuart Hall (2016), para quem a linguagem é “um dos meios através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (HALL, 2016, p.18). A partir da observação exploratória, foi possível perceber alguns indícios de reforço de estereótipos machistas e capacitistas. O mesmo acontecimento, ao ser publicado nos dois sites⁶, teve

⁵ A Lei 13.104, de 9 de março de 2015, qualificou o crime de feminicídio quando ele é cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Fonte: 14º Anuário de Segurança Pública.

⁶ As matérias publicadas nos dois sites podem ser conferidas nos links:

<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=502278&edt=25¬icia=desaparecida-ha-3-dias-estudante-da-ufmt-e-encontrada-morta-no-rio-cuiaba&edicao=2> e <https://www.folhamax.com/policia/aluna-da-ufmt-e-encontrada-morta-no-rio-cuiaba/348292>. Acesso em 14/04/2022

abordagens diferentes, incluindo subtítulo e título, porém ambas citam uma deficiência nos pés da vítima, que foi encontrada morta, e que ela sofria de transtorno bipolar. É preciso lembrar que os elementos presentes nas publicações não são inseridos de forma aleatória. Hall nos lembra que “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). A decisão por incluir tais informações no título e no corpo de uma matéria jornalística, por exemplo, está carregada de sentidos que são reproduzidos com base nas representações constituídas culturalmente, algo enfatizado também por Serge Moscovici (2007) e Valdir Morigi (2004). Na matéria publicada pelo FolhaMax, o título escolhido foi “Aluna da UFMT é encontrada morta no Rio Cuiabá”. Já no final da matéria, consta o seguinte trecho: “A jovem que morava em Cuiabá, no bairro Tijucal, sofria de transtornos de bipolaridade e tinha deficiência nos pés”. A informação consta de forma aleatória, pois o texto não cita uma linha de investigação que considere essas características relevantes para desvendar o caso ou indicar um suspeito. Sendo a deficiência nos pés uma característica física e o transtorno de bipolaridade uma doença mental, esses elementos parecem ter sido destacados como duas possíveis justificativas de sua morte e nada acrescentam, em termos de informação, à notícia. O chapéu da matéria é “MISTÉRIO”. Esta palavra remete a algo a ser desvendado, escondido. Ao ler a matéria, nota-se que outra informação foi inserida pela jornalista: “Não há informações sobre marcas de violência no corpo da mulher”, construção que pode naturalizar a violência física contra mulheres. Nesse sentido, Morigi alerta para o fenômeno consequente da midiatização: “A redução da realidade a um discurso formatado, produzido para ser veiculado em mídias de grande alcance, produz uma simplificação e banalização do “real”” (MORIGI, 2004, p. 6). Outro ponto analisado diz respeito a um recurso muito utilizado pelos repórteres de veículos de comunicação online: o Boletim de Ocorrência como fonte principal. No trecho “Uma guarnição se dirigiu até o local, onde fez a remoção do corpo de dentro do Rio e acionou as equipes da Polícia Civil para dar andamento à ocorrência”, o uso de termos como “guarnição”, “se dirigiu” e “remoção” é um sinal de apropriação do B.O. feito por policiais, sem considerar possíveis problemas na construção dessa narrativa. Já a abordagem do site Olhar Direto tem como título “Desaparecida há 3 dias, estudante da UFMT é encontrada morta no Rio Cuiabá” e o chapéu “GRADUANDA EM CIÊNCIAS SOCIAIS”. Estas escolhas soam como uma tentativa de qualificar a vítima, atribuir algum valor a ela, inclusive evitando colocar o termo “mulher”, e optando por estudante, no

título, e graduanda, no chapéu. Vale ressaltar também que a matéria frisa, no segundo parágrafo, que foi feita uma apuração além do B.O.: “Conforme apurou o Olhar Direto...”. Esta impressão também é reforçada pelo fato de que a matéria possui mais informações, em comparação com a do FolhaMax, como um artigo científico publicado por ela sobre a luta dos movimentos feministas locais no combate à violência contra a mulher. Porém, a matéria também cita o transtorno bipolar e a deficiência nos pés, com a diferença de que deixa claro que se trata de uma informação fornecida pela Delegacia Especializada de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), mas que também não agrega nada relevante à narrativa, a não ser de diferenciar esta vítima de outras em função de sua deficiência física ou de seu problema de saúde mental. De forma similar a Marcia Veiga da Silva (2010), que analisou as concepções de gênero nos valores-notícia e nos processos de seleção de jornalistas em Porto Alegre, constatou-se a reprodução da normatividade social vigente nas matérias observadas exploratoriamente. Foram identificados indícios de que as representações veiculadas pela mídia local contribuem para a reprodução de estereótipos machistas, capacitistas e violentos contra as vítimas, que alimentam a cultura de culpabilização das mulheres. Tomando como base dois veículos digitais voltados para o mesmo público, é perceptível que a definição do que é notícia e de como noticiar se baseia em critérios que não são necessariamente objetivos, mas atravessados pela linha editorial, pelas crenças, valores e preconceitos de quem escreve, dentre outros aspectos. Ainda há no jornalismo cuiabano e, sobretudo na cobertura de violência de gênero, a preponderância de comportamentos machistas, muitas vezes vinculados a posturas sensacionalistas e capacitistas, reflexo da sociedade patriarcal e excludente em que vivemos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; violência; jornalismo; representação; gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, v. 42, pp. 249-274, Campinas, 2014.

ESQUER, M. Desaparecida há 3 dias, estudante da UFMT é encontrada morta no Rio Cuiabá. **Olhar Direto**. Cuiabá, 13 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=502278&edt=25¬icia=desaparecida-ha-3-dias-estudante-da-ufmt-e-encontrada-morta-no-rio-cuiaba&edicao=2%20e>>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

KATHUCIA, L. Aluna da UFMT é encontrada morta no Rio Cuiabá. **FolhaMax**. Cuiabá, 13 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.folhamax.com/policia/aluna-da-ufmt-e-encontrada-morta-no-rio-cuiaba/348292>>. Acesso em: 14 de abril de 2022.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

MORIGI, V. J. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, [S. l.], v. 1, 2004. DOI: 10.30962/ec.9. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 5.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PÚBLICA, **Anuário Brasileiro de Segurança**. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, v.16, pp.115-136, Campinas, 2001.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, pp.71-99, 1995.

SILVA, M. V. **Masculino, o gênero do jornalismo**: Um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010.